

Juros, agora a dúvida do Brasil.

O Brasil e os bancos credores começaram a discutir o texto do contrato do pacote de médio e longo prazo, e os termos de um empréstimo-ponte para o pagamento dos juros do segundo trimestre deste ano, ontem à tarde, depois que concordaram, durante o fim de semana, com uma quantia básica para o financiamento dos juros de 87 a junho de 89, ou US\$ 5,8 bilhões, e com um spread igual ao do México, 0,8125.

"A grande questão, para nós, é se o Brasil vai agora manter-se em dia com o pagamento dos juros" — disse ao JT o representante de um grande banco internacional.

"Os bancos já estão sabendo que o Brasil não pode pagar só com os recursos de suas reservas. Estão conscientes disso" — explicou uma fonte brasileira, acrescentando: "Esta será uma negociação paralela, podendo seu resultado ser incluído no contrato em discussão".

Esta mesma fonte também informou que não há um dia fixado para que o Brasil pague os juros remanescentes de janeiro e os vencidos em fevereiro, num total de cerca de US\$ 700 milhões. "Ficamos de pagar durante esta semana, e o faremos quando operacionalmente possível."

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, voltou a Nova York, na manhã de ontem, para participar da nova rodada de negociações. A previsão, otimista, é de que elas sejam concluídas em 15 dias, numa maratona de trabalho, para que os primeiros desembolsos do pacote possam ser feitos em junho. Neste mesmo período, os bancos já deverão repor um mínimo de US\$ 600 milhões, e um máximo de US\$ 1 bilhão, nas linhas de curto prazo.

O anúncio de que os créditos interbancários e comerciais voltariam ao volume normal de US\$ 15 bilhões, recuperando até algumas linhas voluntárias que caíram com a moratória, animou os gerentes de bancos brasileiros em Nova York. "Um alívio", disse um deles ao JT. "Estamos todos alimentando a expectativa de mais negócios, a partir de agora." Segundo ele, "cada banco vai querer pegar um pedaço destes créditos, alguns só repondo, na verdade, o que perderam".

Os gerentes de bancos brasileiros, em Nova York, estão considerando que o acordo anunciado no domingo, mas ainda pouco divulgado ontem, nos Estados Unidos, "é o melhor do que os que o Brasil já vez", como disse um deles, "porque desta vez conseguiu-se um financiamento razoável, com uma taxa boa".

Entre alguns banqueiros internacionais, a receptividade ao anúncio dos números principais do pacote também foi boa. Um deles preferiu chamar de "desembolso-ponte" o que entre os negociadores brasileiros seria um empréstimo-ponte, porque "isto já foi feito no acordo provisório, de US\$ 3 bilhões". Este desembolso tomaria a forma de uma antecipação, ou mesmo uma escolha de uma parcela maior como primeiro pagamento dos bancos.

"Nós esperamos ainda que o Brasil conclua um acordo com o Fundo Monetário Internacional" — declarou um banqueiro europeu, confirmado que ele não estaria vinculado com o pacote de médio prazo, embora os dois acabarão prontos ao mesmo tempo, em junho. "O importante é que a receptividade, em geral, foi muito boa", ele concluiu.

Quando as negociações recomeçavam em Nova York, ontem, outras abriam-se em Washington, cumprindo a palavra dada pelo ministro Mailson da Nóbrega à comunidade bancária americana e internacional: uma equipe brasileira entrava no FMI para os primeiros contatos, que continuariam hoje e amanhã.

**Moisés Rabinovici,
de Washington**